



China em Cena: Um estudo das dinâmicas urbanas guiado pelo cinema

China en Escena: Un estudio de las dinámicas urbanas guiado por el cine

Eixo 6 - Representações, memórias e figurações

Resumo: O estudo propõe utilizar o cinema como instrumento analítico para explorar as dinâmicas de urbanização e migração interna na China. A partir da análise de três filmes — Banhos (1999), Dead Pigs (2018) e Last Train Home (2009) —, o estudo integra reflexões teóricas e dados censitários para compreender as transformações urbanas e sociais no país. Banhos (1999), de Zhang Yang, retrata a dissolução dos laços familiares em Pequim, simbolizada pela degradação de um banho público tradicional. A demolição das casas ao redor do banho público reflete a priorização do valor de mercado sobre as relações humanas. Dead Pigs (2018), dirigido por Cathy Yan, aborda o rápido desenvolvimento de Xangai e seus impactos sociais e ambientais, inspirado no incidente real de porcos mortos no rio Huangpu. O filme critica a especulação imobiliária e destaca a resistência de uma moradora que se recusa a abandonar sua casa para a construção de um condomínio de luxo, expondo as desigualdades estruturais. O documentário Last Train Home (2009), de Lixin Fan, acompanha a jornada anual de um casal de trabalhadores migrantes durante o Ano Novo Chinês. O filme evidencia o impacto do sistema Hukou, que separa milhões de trabalhadores de suas famílias, limitando seu acesso a benefícios sociais e educação nas cidades. Além da análise fílmica, o artigo integra dados censitários da China de 2005 a 2023, mostrando a evolução da urbanização no país. Inicialmente concentrada nas regiões costeiras, a urbanização expandiu-se para o interior devido a políticas governamentais como a Iniciativa do Cinturão e Rota. Utilizar o cinema como ferramenta analítica permite uma conexão direta com as experiências e contradições do espaço urbano, destacando o papel da arte na interpretação de realidades complexas e contribuindo para debates sobre urbanização global, desigualdades regionais e políticas de desenvolvimento.

Palavras-chave: cinema; urbanização; China; migração.

Resumen: *El estudio propone utilizar el cine como instrumento analítico para explorar las dinámicas de urbanización y migración interna en China. A partir del análisis de tres películas —Baños (1999), Dead Pigs (2018) y Last Train Home (2009)—, el estudio integra reflexiones teóricas y datos censales para comprender las transformaciones urbanas y sociales del país. Baños (1999), de Zhang Yang, retrata la disolución de los lazos familiares en Pekín, simbolizada por la degradación de un baño público tradicional. La demolición de las viviendas que rodean el baño público refleja la priorización del valor de mercado por encima de las relaciones humanas. Dead Pigs (2018), dirigida por Cathy Yan, aborda el rápido desarrollo de Shanghái y sus impactos sociales y ambientales, inspirado en el incidente real de cerdos muertos en el río Huangpu. La película critica la especulación inmobiliaria y destaca la resistencia de una residente que se niega a abandonar su casa para la construcción de un condominio de lujo, exponiendo las desigualdades estructurales. El documental Last Train Home (2009), de Lixin Fan, acompaña el viaje anual de una pareja de trabajadores migrantes durante el Año Nuevo chino. El filme evidencia el impacto del sistema hukou, que separa a millones de trabajadores de sus familias, limitando su acceso a beneficios sociales y a la educación en las ciudades. Además del análisis fílmico, el artículo integra datos censales de China entre 2005 y 2023, mostrando la evolución de la urbanización en el país. Inicialmente concentrada en las regiones costeras, la urbanización se expandió hacia el interior debido a políticas gubernamentales como la Iniciativa de la Franja y la Ruta. Utilizar el cine como herramienta analítica permite establecer una conexión directa con las experiencias y contradicciones del espacio urbano, destacando el papel del arte en la interpretación de realidades complejas y contribuyendo a los debates sobre urbanización global, desigualdades regionales y políticas de desarrollo.*

Palabras clave: *cine; urbanización; China; migración.*

“A lei da contradição inerente aos fenômenos, ou lei da unidade dos contrários, é a lei fundamental da dialética materialista.” (ZEDONG, 1937)

A noção de contradição ocupa um lugar central tanto na tradição, muito absorvida pela sociedade ocidental, da lógica formal aristotélica quanto na lógica dialética, mas assume significados profundamente distintos em cada uma delas. Na lógica formal, fundada nos princípios estabelecidos por Aristóteles, a contradição é entendida como a oposição absoluta entre duas proposições que não podem ser verdadeiras ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto: se uma é verdadeira, a outra deve necessariamente ser falsa. Trata-se de um conceito negativo, um erro a ser evitado, pois a coerência do pensamento depende da eliminação de proposições contraditórias (NOVACK, 1969).

“Mas na exata medida em que o indivíduo moderno não é um “puro” indivíduo separado do todo, abstrato, ele “participa” em uma comunidade, que também se expressa em emblemas, que todos assumem como outra coisa e mais que signos abstratos. E nós não vivemos – inclusive no domínio do conhecimento – em meio de “absurdos” aparentes e de contradições? Não somos obrigados a “pensar” essas contradições, em vez de nos refugiarmos na forma vazia e puramente lógica do pensamento?” (LEFEBVRE, 1995)

Já na lógica dialética, desenvolvida sobretudo por Hegel e aprofundada pelo materialismo dialético de Marx e Engels, a contradição deixa de ser um simples obstáculo lógico e passa a ser concebida como a própria fonte do movimento, da transformação e do devir. A dialética entende que a realidade concreta é marcada por tensões internas, oposições dinâmicas e conflitos que não apenas coexistem, mas impulsionam processos de mudança qualitativa. Assim, enquanto a lógica formal busca afastar a contradição para preservar a estabilidade do raciocínio, a lógica dialética a reconhece como constitutiva do real e como princípio ativo da história, da natureza e da vida social (LEFEBVRE, 1995).

“Nós, os chineses, dizemos frequentemente: “As coisas se opõem umas às outras e se completam umas às outras”.²³ Isso significa que há identidade entre as coisas que se opõem. Essas afirmações são dialéticas e se opõem à metafísica. “As coisas se opõem umas às outras” significa que os dois aspectos contrários se excluem um ao outro ou que lutam um contra o outro; “as coisas se completam umas às outras” significa que, em condições determinadas, os dois aspectos contrários unem-se e ganham identidade. E na identidade há luta; sem luta não há identidade.” (ZEDONG, 1937)

Para Mao Zedong (1937) o conceito da contradição é um tema frequente para a compreensão da realidade material chinesa. De modo que as contradições entre cidade e campo, por exemplo, não podem ser reduzidas a uma oposição rígida, dualista ou dogmática. Em vez de tratá-las como esferas necessariamente antagônicas, é possível compreendê-las como processos históricos e dinâmicos, marcados por diferentes formas de mediação política e econômica.

“As contradições econômicas entre a cidade e o campo, são de um antagonismo extremo, tanto na sociedade capitalista (onde a cidade, controlada pela burguesia, pilha o campo sem piedade), quanto nas regiões controladas pelo Kuomintang na China (onde a cidade, controlada pelo imperialismo estrangeiro e pela grande burguesia compradora chinesa, pilha o campo com

uma ferocidade inaudita). Num país socialista, porém, ou nas nossas bases de apoio revolucionárias, essas contradições antagônicas tornam-se não-antagônicas, e hão de desaparecer na sociedade comunista.

Lenin dizia: “Antagonismo e contradição não são de maneira alguma uma e a mesma coisa. No socialismo, o primeiro desaparecerá e a segunda subsistirá”.¹ Isso significa que o antagonismo não é mais do que uma das formas, e não a única forma, da luta dos contrários, não se devendo empregar esse termo por todo lado, sem discernimento.” (ZEDONG, 1937)

Na sociedade capitalista, de fato, a cidade, controlada pela burguesia, se afirma como centro de dominação sobre o campo, reproduzindo um padrão de exploração que amplia desigualdades e dependências. Contudo, em um país socialistas, ainda segundo Mao Zedong, essa contradição pode ser reorganizada de maneira não-antagônica, revelando que ela não é uma essência fixa, mas sim uma relação historicamente construída e passível de transformação.

Em 2015 durante um discurso sobre o papel do materialismo dialético no governo chinês, Xi Jinping reforça que povo chinês tem uma longa familiaridade com o conceito de contradição, assim como “yin e yang formam o Tao”, e portanto não possuem valor separados, o questionamento a concepções duais está presente na teorização de dinâmicas espaciais chinesas. Um exemplo é a forma como Wu (2010) questiona tanto o dualismo no contexto entre o rural e o urbano, quanto a conceitualização da marginalização como algo irrelevante e isolado. Para Wu (2010) a população migrante ou qualquer outra população pobre está integrada com a economia global, afinal é parte integral da nova economia manufatureira chinesa.

Seguindo esta lógica podemos conceber uma aproximação desta forma de compreender a realidade através de teóricos brasileiros como, Francisco de Oliveira (2003) que questiona o dualismo entre o atrasado e o moderno no contexto do desenvolvimento brasileiro. Esse dualismo não é uma oposição estática, mas uma unidade contraditória: o moderno depende do arcaico para se viabilizar; o arcaico é continuamente reinventado pelo moderno; o desenvolvimento se realiza a partir e através da desigualdade, e não apesar dela. É a dialética das formas combinada, não duas partes separadas, mas dois polos que se implicam. (FERNANDES, 2009; OLIVEIRA, 2003)

A elaboração construída por Vitor Boa Nova (2023) na compreensão do processo de desenvolvimento econômico-social aproxima teóricos marxistas ocidentais e orientais através da lei do desenvolvimento desigual. Esse enquadramento teórico é fundamental para compreender como a urbanização chinesa não se apresenta como uma linha evolutiva homogênea e contínua, mas como um campo de tensões em que diferentes temporalidades, modos de vida e racionalidades econômicas se entrelaçam.

Esta relação dialética está presente em várias obras cinematográficas chinesas mais recentes que tratam, de maneira central ou apenas contextual, do processo de transformação daquele país pela lente da urbanização. Para construir uma aproximação com a realidade urbana brasileira, e também com suas chaves de interpretação, vamos apresentar alguns filmes que consideramos essenciais para compor uma paisagem crítica da urbanização chinesa. Nesse ponto os filmes que serão analisados neste capítulo se tornam instrumentos ao mobilizar a lógica dialética como chave interpretativa, os filmes não serão tomados como ilustrações de processos já conhecidos, mas como dispositivos que revelam, em suas narrativas, imagens, ritmos e silêncios, a materialidade

¹ V. I. Lenin: “Notas sobre o livro de N. I. Bukharin – A economia do período transitório”.

das contradições que estruturam o desenvolvimento desigual e combinado chinês. Eles permitem perceber como as fronteiras entre campo e cidade, tradição e modernidade, pobreza e prosperidade não se apresentam como oposições fixas, mas como movimentos incessantes, capazes de condensar disputas, mediações e transformações sociais profundas.

As representações visuais das cidades, desde a origem do cinema, evidenciam o interesse dos cineastas em explorar o espaço urbano, frequentemente estimulando estudos acadêmicos sobre essa prática cultural e artística. De igual modo, as obras literárias têm desempenhado um papel crucial ao retratar e analisar as dinâmicas urbanas. A utilização de filmes e literatura como instrumentos de análise decorre do espelho de expressão que essas obras oferecem. Sendo uma das formas mais complexas e completas de arte, elas refletem um quadro abrangente das cidades e suas intrincadas dinâmicas. Isso complementa a exploração teórica e empírica das cidades.

A partir dessa perspectiva, a análise cinematográfica deste trabalho será conduzida com base em alguns filmes, os quais foram selecionados por sua relevância para ilustrar as complexas questões relacionadas ao território, urbanização e espaço na China. Esses filmes, ao representar visualmente as dinâmicas urbanas, fornecem uma ferramenta analítica que transcende os limites teóricos, permitindo uma conexão direta com as experiências e contradições do espaço urbano. E assim como Otilia Arantes (2011) faz em seu livro, ao longo deste trabalho, as reflexões extraídas dessa análise serão integradas como suporte para a compreensão crítica das transformações discutidas, evidenciando o papel do cinema não apenas como forma de arte, mas como um meio de investigar e interpretar as realidades urbana.



Figura 2 - Trecho do filme Banhos (1999) de Zhang Yang em que mostra o pai conversando com um dos frequentadores do banho público no subúrbio de Pequim.



Figura 3 - Trecho do filme *Banhos* (1999) de Zhang Yang em que mostra o irmão mais novo utilizando um sistema com chuveiros automatizados em Shenzhen.

Desta forma, um exemplo que enriquece a discussão do processo de urbanização chinesa é o filme *Banhos* (1999) de Zhang Yang que conta a história de um banho público em Pequim, gerido por um pai e seu filho deficiente, que é visitado pelo irmão mais novo, agora trabalhando em Shenzhen. O filme revela a dissolução dos laços familiares e comunitários em meio ao desenvolvimento urbano. O banho público, símbolo de uma vida comunitária e tradicional, sofre com a degradação, substituído pela expansão urbana e pelos novos estilos de vida que ignoram espaços de encontro e convivência. No final do filme, a demolição das casas tradicionais ao redor do banho público marca o fim de uma era, simbolizando como o crescimento das cidades chinesas prioriza o valor de mercado dos terrenos sobre as relações e histórias que as pessoas construíram nesses lugares.

Essa transformação reflete a perda do patrimônio cultural e das relações comunitárias em favor de empreendimentos imobiliários, despersonalizando o espaço em nome de uma modernização que empurra as camadas populares e tradicionais para as margens. Esse fenômeno também é observado no filme *Dead Pigs* (2018) de Cathy Yan, que aborda o rápido desenvolvimento de Xangai e seus impactos sociais e ambientais.



Figura 4 - Trechos do filme *Dead Pigs* (2018) de Cathy Yan em que mostra transformações urbanas de Xangai.

A narrativa de *Dead Pigs* (2018) é baseada no incidente real de milhares de porcos mortos que apareceram no rio Huangpu, um símbolo poderoso dos efeitos colaterais do crescimento econômico descontrolado e dos dilemas éticos enfrentados pela população. O filme também segue personagens que enfrentam a pressão da especulação imobiliária e a reestruturação do espaço urbano em função de interesses econômicos. Essa expansão é orientada por interesses imobiliários que, com o auxílio de um arquiteto consultor americano que trabalha para a construtora *Golden Happiness Properties*, promovem projetos de condomínios modernos sobre o que antes eram vilarejos rurais.

Um dos principais conflitos é o caso da moradora Candy Wang que se recusa a abandonar sua casa em um terreno destinado a um novo condomínio de luxo. A resistência dessa personagem representa a luta dos indivíduos contra o apagamento forçado de suas vidas e histórias, confrontados pelo avanço de empreendimentos que se valem da valorização da terra para redefinir territórios segundo uma lógica de mercado. O filme critica como o planejamento urbano, orientado pela especulação e por interesses externos, desconsidera as vozes e direitos das comunidades locais, reduzindo-as a obstáculos ao progresso.

No desfecho de *Dead Pigs* (2018), a revelação de que a empresa *Golden Happiness Properties* também possui um segmento de produção de rações animais e é diretamente responsável pela morte dos porcos no rio Huangpu traz uma reviravolta poderosa, conectando os interesses corporativos às consequências ambientais e sociais devastadoras. Essa revelação final expõe a extensão dos danos causados pela empresa, que não se limitam à expulsão de comunidades, mas afetam também o ambiente local, simbolizado pela morte em massa dos porcos. Ao ligar a especulação imobiliária à contaminação e aos prejuízos ambientais, o filme critica as práticas predatórias de grandes corporações e sua busca implacável por lucro, onde os habitantes e o ecossistema se tornam vítimas de uma expansão urbana que prioriza interesses financeiros em detrimento da sustentabilidade e da justiça social.

Outra questão abordada em *Dead Pigs* (2018), é o conflito entre as expectativas de ascensão social na cidade e a realidade das oportunidades de trabalho que se desenrola na trajetória do Wang Zhen, sobrinho de Candy Wang, que deixa a área rural onde seu pai, Old Wang, cria porcos em busca de melhores condições de vida em um ambiente urbano. A decisão de se mudar para a cidade reflete a percepção comum entre os jovens chineses de que o êxodo rural oferece maior acesso a empregos e oportunidades de sucesso. Contudo, ao chegar à cidade, o personagem descobre que a mobilidade social urbana é mais ilusória do que parece.

Trabalhando como garçom em um restaurante temático, ele mantém as aparências para o pai, fingindo ser bem-sucedido e omite as condições limitadas e precárias de seu emprego. Esse contraste evidencia as discrepâncias entre os salários urbanos e rurais na China, onde o trabalho nas grandes cidades é idealizado como um meio de obter uma vida melhor, mas muitas vezes oferece salários baixos em setores de serviços com pouca valorização e perspectivas limitadas. O personagem encarna as dificuldades enfrentadas por muitos migrantes rurais que, ao se mudarem para centros urbanos, descobrem que o custo de vida e a competitividade do mercado de trabalho urbano não correspondem ao ganho esperado, criando uma tensão entre a realidade de suas condições de trabalho e as expectativas de seus familiares e de sua própria imagem de sucesso.

Contudo, é importante ressaltar que esse fenômeno não aconteceu apenas na China. No Brasil, como abordado no subcapítulo *Trabalho, industrialização e urbanização no Brasil e na China* deste estudo e conforme apontam Milton Santos (1993) e Francisco de Oliveira (1981), a migração campo-cidade foi marcada pela informalidade e pela consolidação de um mercado de trabalho urbano mal remunerado, em que a força de trabalho permanece subordinada a uma lógica agroexportadora e de comércio periférico. Nos Estados Unidos, Sassen (1998) e Mike Davis (2006) destacam como as grandes cidades globais, como Nova York e Los Angeles, atraem trabalhadores para setores de serviços precarizados, reforçando desigualdades estruturais e excluindo imigrantes e minorias de uma mobilidade social efetiva. Já na África do Sul, Harvey (2014) aponta como o legado do apartheid moldou uma urbanização excludente, com grandes contingentes de trabalhadores rurais enfrentando condições informais e subemprego em cidades como Joanesburgo, perpetuando desigualdades históricas em um cenário de urbanização acelerada, mas desarticulada.



Figura 5 - Trechos do filme *Last Train Home* (2009), dirigido por Lixin Fan, em que mostra o fenômeno do retorno de parte da população às suas províncias natal durante o Ano Novo Chinês.

Essa discussão sobre o valor do trabalho rural e urbano e sobre o processo de migração na China é o centro do documentário *Last Train Home* (2009), dirigido por Lixin Fan, que segue a jornada anual de Zhang Changhua e Chen Suqin, um casal de trabalhadores migrantes que deixa suas duras rotinas de trabalho em uma fábrica na cidade para retornar à sua província natal durante o Ano Novo Chinês e visitar seus filhos. O documentário revela o impacto emocional e social de um sistema que separa milhões de trabalhadores de suas famílias devido ao sistema Hukou.

Embora os pais migrem para a cidade em busca de melhores oportunidades econômicas, eles vivem em um pequeno apartamento em condições extremamente precárias, com espaço limitado e sem acesso adequado a serviços urbanos básicos. Esse ambiente é um retrato comum das condições enfrentadas por trabalhadores migrantes, que, mesmo vivendo e trabalhando nas cidades, raramente conseguem usufruir de uma qualidade de vida comparável aos residentes urbanos registrados. De acordo com o sistema Hukou, Zhang Changhua e Chen Suqin mantêm o registro domiciliar rural de seus filhos, o que limita severamente os benefícios sociais que eles

poderiam receber na cidade, incluindo o acesso à educação. Esse fator impede que os filhos acompanhem os pais e estudem na cidade, forçando-os a permanecer no campo.

Essa situação expõe uma das grandes contradições do processo de urbanização acelerada da China, que atrai trabalhadores rurais para sustentar a economia urbana, mas não lhes oferece inclusão social plena. A fragmentação familiar gerada por esse sistema cria um ciclo intergeracional de desigualdade, no qual os filhos dos trabalhadores migrantes muitas vezes permanecem em situação de desvantagem educacional e econômica.

Ambos os três filmes abordados discutem dinâmicas de urbanização e suas contradições sociais, econômicas e culturais. E ao levar em conta as discussões apresentadas nos subcapítulos anteriores podemos observar que, por exemplo, o filme *Banhos* (1999) ilustra como a modernização dissolve laços comunitários e transforma espaços tradicionais em função de interesses externos às necessidades da comunidade. O mesmo ocorre em *Dead Pigs* (2018), de uma forma mais dramática e cômica a resistência de Candy Wang à pressão imobiliária expõe a desigualdade estrutural e os conflitos entre mercado e comunidades locais, ecoando as análises globais de Mike Davis (2006) e Harvey (2014) sobre a urbanização capitalista e de Oliveira (1981) sobre a exclusão das classes trabalhadoras. Já *Last Train Home* aborda as consequências do sistema Hukou e da "industrialização sem urbanização", retratando trabalhadores migrantes que enfrentam condições precárias e famílias fragmentadas, reflexo de políticas que priorizam a acumulação econômica em detrimento da inclusão social (Ouriques, 2009; Nabuco, 2012; Cheng, 1994). Entretanto, a despeito das vulnerabilidades e contradições apresentadas nos filmes analisados até o presente é possível observar que a população na condição mais precária apresentada possui habitação (mesmo que em contexto de conflitos como o caso de *Dead Pigs* [2018]) e segurança alimentar garantidos, apesar de serem filmes críticos à realidade chinesa essas variáveis sequer são discutidas.

Neste momento para compreender como esse processo se deu espacialmente no território da China continental foram analisados dados censitários disponíveis no National Bureau of Statistics of China coletados em janeiro de 2025. Para a melhor análise dos mapas gerados através desses dados, primeiramente apresento o mapa com a indicação das províncias na Figura 6.

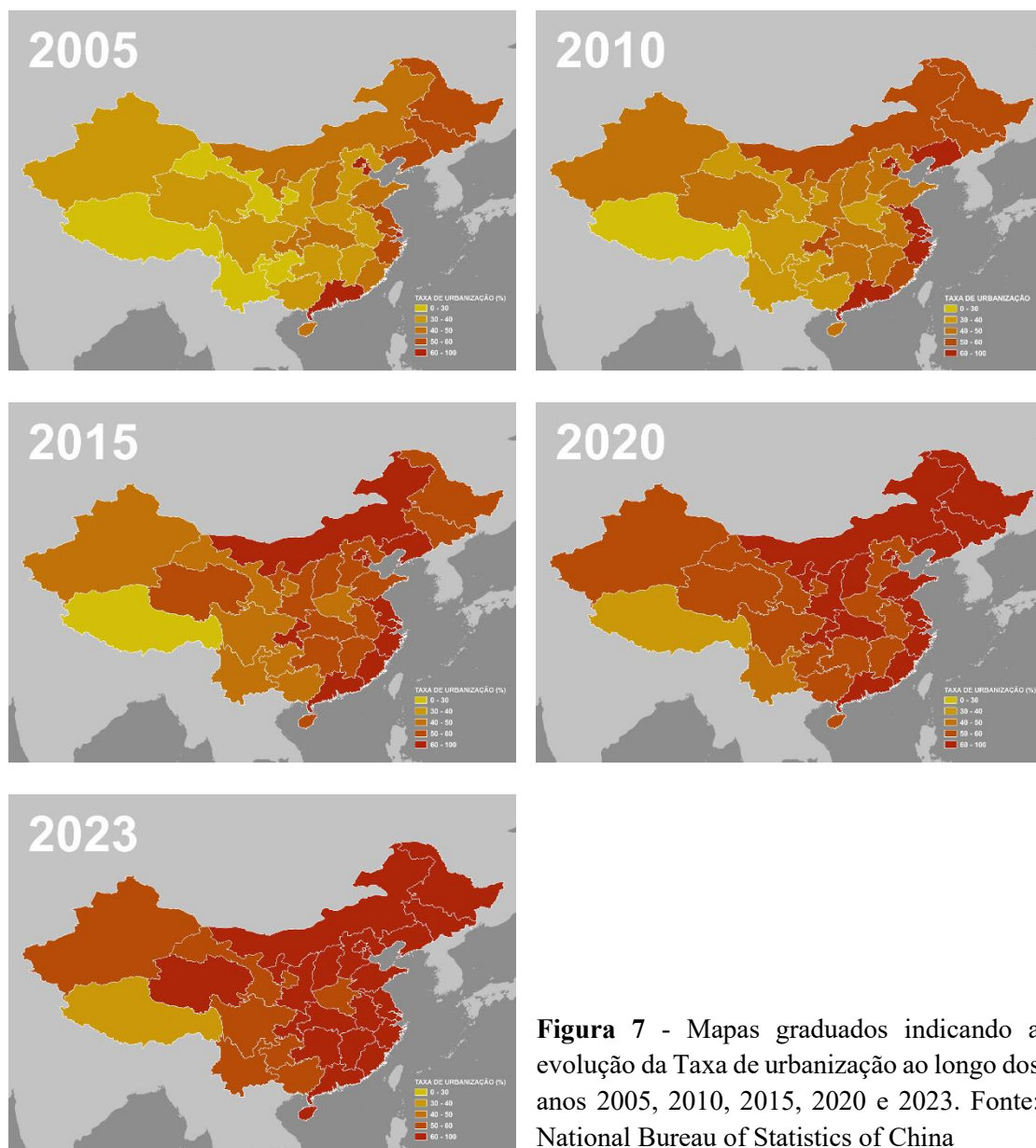


Figura 7 - Mapas graduados indicando a evolução da Taxa de urbanização ao longo dos anos 2005, 2010, 2015, 2020 e 2023. Fonte: National Bureau of Statistics of China

Em 2005, a urbanização era fortemente concentrada nas regiões costeiras, com destaque para províncias como Guangdong, Jiangsu e Zhejiang, onde as taxas eram significativamente mais altas. Essas áreas, favorecidas pela proximidade do mar e por políticas de abertura econômica, consolidaram-se como polos industriais e comerciais. Por outro lado, as províncias centrais e ocidentais apresentavam níveis muito inferiores de urbanização, refletindo o abismo econômico e estrutural entre essas regiões e o leste do país.

Até 2010, o crescimento urbano continuou intensivo nas áreas costeiras, com a consolidação de megacidades como Xangai, Pequim e Shenzhen. No entanto, começavam a surgir sinais de avanço no interior, em províncias como Henan e Hubei, resultado de políticas governamentais que buscavam promover o desenvolvimento regional e mitigar as desigualdades. Apesar disso, as diferenças entre as regiões permaneciam evidentes.

Em 2015, observa-se uma expansão mais significativa da urbanização para o interior, especialmente em províncias como Sichuan, demonstrando a eficácia de programas nacionais de infraestrutura e incentivo ao desenvolvimento regional. Enquanto isso, as regiões costeiras mantinham taxas de urbanização muito elevadas, consolidando sua liderança econômica e populacional. Esse período foi marcado por esforços do governo para integrar as províncias centrais ao processo de modernização urbana, reduzindo gradualmente as diferenças regionais.

Já em 2020, os dados indicam um avanço generalizado na urbanização em todo o território chinês, incluindo regiões do oeste, como Xinjiang e Yunnan, que historicamente apresentavam baixos níveis de desenvolvimento urbano. As políticas de integração econômica e de infraestrutura, como a Iniciativa do Cinturão e Rota, desempenharam um papel importante nesse avanço, promovendo a conectividade e o crescimento nas áreas menos favorecidas. Nas regiões costeiras, as taxas de urbanização já atingiam níveis próximos da saturação, com percentuais superiores a 80%.

Por fim, em 2023, os mapas mostram uma homogeneização mais evidente da urbanização no país. Regiões que antes eram menos urbanizadas, como Guizhou e Guangxi, alcançaram taxas significativamente mais altas, indicando que o desenvolvimento urbano se espalhou para praticamente todas as províncias. Essa evolução reflete a eficácia das políticas nacionais de redistribuição de recursos e de incentivo ao crescimento de cidades de médio porte, promovendo um equilíbrio maior entre as regiões. Embora as províncias costeiras ainda liderem em termos de urbanização, a diferença em relação às áreas centrais e ocidentais diminuiu consideravelmente em relação a 2005.

Em suma, o processo de urbanização na China demonstra um modelo fortemente planejado, com etapas bem definidas que priorizaram inicialmente as regiões costeiras e, posteriormente, expandiram o desenvolvimento para o interior. Essa estratégia contribuiu para a redução das desigualdades regionais e para a construção de um padrão mais equilibrado de urbanização até 2023.

De acordo com Fulong Wu (2006), a urbanização chinesa está profundamente vinculada às reformas econômicas e ao uso de mecanismos de mercado no planejamento urbano. Wu destaca o papel central do Estado na promoção de megaprojetos urbanos, inicialmente focados nas regiões costeiras, como Guangdong, Jiangsu e Zhejiang, que já apresentavam taxas elevadas em 2005. Ele ressalta ainda que a urbanização foi utilizada como ferramenta para atrair investimentos e redistribuir riqueza, o que se reflete na expansão observada em províncias centrais e ocidentais a partir de 2015.

Thomas J. Campanella (2008) aborda o impacto da urbanização na transformação de cidades como Xangai e Shenzhen em polos globais. Campanella enfatiza que o processo de urbanização na China é tanto econômico quanto político, projetando o país como uma potência global. A expansão para regiões menos desenvolvidas, visível nos mapas de 2020 e 2023, reflete o impacto de políticas como a Iniciativa do Cinturão e Rota, que buscou integrar economicamente regiões periféricas ao projeto nacional.

Lefebvre (1970), por sua vez, argumenta que a urbanização é mais do que um processo técnico ou demográfico; trata-se de uma transformação total da sociedade, onde as relações sociais, econômicas e espaciais se reorganizam de acordo com a lógica do espaço urbano.

No caso da China, a análise dos mapas de urbanização ao longo dos anos (2005 a 2023) revela um padrão que exemplifica a tese de Lefebvre sobre a urbanização como um motor de modernização e transformação social. No capítulo "Da Cidade à Sociedade Urbana", Lefebvre (1970) descreve como o espaço urbano se torna central na estrutura social e econômica. Esse fenômeno é evidente no rápido desenvolvimento das cidades chinesas costeiras, como Xangai e Shenzhen, que se consolidaram como polos globais de integração econômica. O avanço da urbanização nessas áreas reflete a concentração do capital e da infraestrutura, elementos cruciais no processo de transição para a sociedade urbana.

Lefebvre também aponta, no conceito de "Campo Cego", que a urbanização muitas vezes oculta contradições sociais e espaciais, como desigualdades regionais e deslocamentos populacionais. Essa dinâmica é evidente na China, onde o crescimento urbano inicial esteve concentrado nas regiões costeiras, enquanto as províncias centrais e ocidentais permaneceram relativamente estagnadas. A partir de 2015, observa-se um esforço estatal para reduzir essas disparidades, promovendo a urbanização em áreas como Sichuan e Guangxi, uma estratégia que Lefebvre descreve como parte da "necessidade de integrar toda a sociedade no espaço urbano".

Além disso, Lefebvre destaca, no capítulo "Para uma Estratégia Urbana", que a urbanização deve ser compreendida como uma ferramenta política e econômica para a reestruturação social. Na China, o governo desempenhou um papel central no planejamento urbano, utilizando políticas como a Iniciativa do Cinturão e Rota para conectar regiões periféricas ao projeto nacional de desenvolvimento. Essa abordagem exemplifica a visão de Lefebvre sobre o urbanismo como um campo de disputa entre diferentes atores e interesses, incluindo o Estado, as empresas privadas e as comunidades locais.

Por fim, o capítulo "Sociedade Urbana" de Lefebvre enfatiza os desafios e as contradições da urbanização global, como a sustentabilidade e o impacto ambiental. No caso chinês, a urbanização acelerada trouxe não apenas benefícios econômicos, mas também questões relacionadas ao deslocamento de populações rurais e à transformação de paisagens naturais em ambientes urbanos. Esses aspectos reforçam a complexidade do processo de urbanização, que, segundo Lefebvre, não pode ser reduzido a uma simples narrativa de progresso.

Assim, ao interpretar os dados de urbanização da China à luz de Revolução Urbana, pode-se concluir que o país exemplifica a transição descrita por Lefebvre, ao mesmo tempo em que expõe os desafios de integrar diversas regiões e populações em um projeto urbano nacional. A urbanização chinesa não é apenas uma questão de crescimento econômico, mas também um processo de transformação social, carregado de tensões e contradições que continuam a moldar o espaço e a sociedade.

Referências

ARANTES, Otília Beatriz Fiori. Chai-na. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

ARRIGHI, Giovanni. Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do século XXI. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008



BENJAMIN, Walter. O anjo da história. São Paulo: Autêntica, 2012

CAMPANELLA, Thomas J. The Concrete Dragon: China's Urban Revolution and What it Means for the World. New York: Princeton Architectural Press, 2008.

CAO, G.; FENG, C.; TAO, R. Local “land finance” in China's urban expansion: Challenges and solutions. *China E World Economy*, v. 16, n. 2, p. 19-30, 2008.

CHAN, K. W. Urbanization and Rural-Urban Migration in China Since 1982: A New Baseline. *Modern China*, v. 20, n. 3, p. 243-281, 1994.

CHENG, Tiejun; SELDEN, Mark. The origins and social consequences of China's Hukou System. *The China Quarterly*, n. 139, p. 644-669, Sept. 1994.

COUTINHO, S. R.. UFRJ terá parceria com gigante da Tecnologia de Informação e Comunicação. Revista digital Conexão UFRJ, 2024. Disponível em: <<https://conexao.ufrj.br/2024/01/ufrj-tera-parceria-com-gigante-da-tecnologia-de-informacao-e-comunicacao/>> Acesso em: 03/05/2024

DAVIS, Mike. Planeta Favela. Tradução de Beatriz Medina – São Paulo: Boitempo, 2006.

FERNANDES, Florestan. Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina. São Paulo: Global, 2009.

FERNANDES, Florestan. Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina. São Paulo: Global, 2009.

FORTUNATO CRUVINEL, Aline Cristina. Os conjuntos habitacionais da Aliança para o Progresso como paisagens da dependência econômica latino-americana. *Paranoá*, [S. l.], v. 17, p. e46926, 2024. DOI: 10.18830/1679-09442024v17e46926. Disponível em: <https://www.periodicos.unb.br/index.php/paranoa/article/view/46926>. Acesso em: 11 maio. 2024.

GARCIA, ANA SAGGIORO . Investimentos da China no Brasil, na África do Sul e na Índia: arranjos institucionais, atores e impactos. *Revista Tempo do Mundo*, n. 22, abr. 2020

Governo da República Popular da China. Plano Nacional para um Novo tipo de Urbanização - NNUP: 2014 - 2020. Agência de Notícias Xinhua, Pequim. Disponível em: <https://www.gov.cn/zhengce/2014-03/16/content_2640075.htm> Acesso em: maio de 2025.

HARVEY, David. Cidades Rebeldes: Do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

HO, P. Who owns China's land? Policies, property rights and deliberate institutional ambiguity. *The China Quarterly*, v. 166, p. 394-421, 2001.

HO, S. P. S.; LIN, G. C. S. Emerging Land Markets in Rural and Urban China: Policies and Practices. *The China Quarterly*, v. 175, p. 681-707, 2003.

HULSHOF, Michiel; ROGGEVEEN, Daan. How the city moved to Mr Sun. SUN, Amsterdam, 2011.

IBGE. Dados de taxa de urbanização por estado brasileiro. Disponível em: <<https://serieestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?no=10&op=0&vcodigo=CD91&t=populacao-situacao-domicilio-populacao-presente-residente>> Acesso em: maio de 2025.

IPEADATA. *Dados de PIB por estado brasileiro*. Disponível em: <<https://www.ipeadata.gov.br/Default.aspx>> Acesso em: maio de 2025

JABBOUR, E; GABRIELE, A. China: o socialismo do século XXI. São Paulo: Boitempo, 2021.

JINPING, Xi. O Materialismo Dialético é a Visão de Mundo e a Metodologia dos Comunistas Chineses. 2015. Disponível em: <https://traduagindo.com/2020/12/24/xi-jinping-o-materialismo-dialetico/>. Acesso em: outubro de 2025.

KNIGHT, J.; SONG, L. The Rural-Urban Divide: Economic Disparities and Interactions in China. Oxford University Press, 1999.

LEFEBVRE, Henri. Revolução Urbana. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

LIN, G. C. S.; HO, S. P. S. The State, Land System, and Land Development Processes in Contemporary China. *Annals of the Association of American Geographers*, v. 95, n. 2, p. 411-436, 2005.

MAJEROWICZ, ESTHER; PARANÁ, EDEMILSON. China no capitalismo contemporâneo. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2022

MOREIRA, Renata Couto; FALEIROS, Rogério Naques. Reflexões sobre a revolução chinesa: A transição socialista em debate. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2020

NABUCO, P. Hukou e migração na China: alguns apontamentos sobre divisão do trabalho. *Rev econ contemp* [Internet]. 2012 May;16(2):237–58. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1415-98482012000200004>>

NBS - National Bureau of Statistics of China. *Annual per province National Data*. Disponível em: <<https://data.stats.gov.cn/english/easyquery.htm?cn=E0103>> Acesso em: janeiro de 2025.

OLIVEIRA, F. de. O Estado e o urbano no Brasil. *Espaço & Debates*, n.6, São Paulo, jun.-set. 1982, pp. 36-54.

OLIVEIRA, Francisco de. Crítica à razão dualista/O ornitorrinco. Publicado originalmente em 1981. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2003.

OURIQUES, Helton Ricardo; ANDRADE, Ricardo Sugai de. A mobilidade do trabalho na china: O sistema de registro Hukou. *PESQUISA E DEBATE*, SP, v. 20, n. 2 (36) p. 233-257, 2009.

Plano Nacional para um novo tipo de urbanização [NNUP]. Agência de Notícias Xinhua, Pequim, China, 2024. Disponível em: <https://www.gov.cn/zhengce/2014-03/16/content_2640075.htm>

RIBEIRO, C. R. Paisagem da dependência no Rio de Janeiro: história das técnicas para a crítica do urbanismo. 27 f. Projeto de pesquisa – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

RIBEIRO, Cláudio; CAVALLAZZI, Rosângela; FERREIRA, Lígia; PANNO, Giulia; SOUZA, Paula de; FONTES, Lucas. URBANIZAÇÃO PERIFÉRICA COMO PRODUTORA DE NOVOS LUGARES TEÓRICOS E PEDAGÓGICOS: a experiência do PERIFAU-LADU. Anais eletrônicos do encontro internacional do grupo de estudos multidisciplinares em arquiteturas e urbanismos do sul - maloca v. 1, n. 1, 2017.

RISKIN, C. China's Political Economy: The Quest for Development since 1949. Oxford University Press, 1987.

SAID, Edward. Orientalismo: O Oriente Como Invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SANTOS, Milton. Urbanização Brasileira. Publicado originalmente em 1993 São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

SASSEN, Saskia. A Cidade Global: Nova York, Londres, Tóquio. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

TSÉ-TUNG, Mao. Sobre a prática e sobre a contradição. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 1999.

WU, Fulong and WEBSTER, Christopher John . Introduction: China's urban marginalization in comparative perspectives. WU, Fulong and WEBSTER, Christopher John, eds. Marginalization in Urban China: Comparative Perspectives International Political Economy Series, Basingstoke: Palgrave Macmillan, pp. 1-14, 2010.

WU, Fulong; ZHANG, Fangzhu; WEBSTER, Chris J. Rural Migrants in Urban China: Enclaves and Transient Urbanism. London: Routledge, 2013.

WU, Fulong. China's changing urban governance in the transition towards a more market-oriented economy. Urban Studies, v. 39, n. 7, p. 1071-1093, 2002.

WU, Fulong. China's Emerging Cities: The Making of New Urbanism. London: Routledge, 2007.

WU, Fulong. Planning China's Future: How planners contribute to growth. Journal of the American Planning Association, v. 81, n. 1, p. 6-21, 2015.

WU, Fulong. *Planning for Growth: Urban and Regional Planning in China*. London: Routledge, 2016.

WU, Fulong. *Urban Development in Post-Reform China: State, Market, and Space*. London: Routledge, 2006.

YEH, A. G. O.; WU, F. The New Land Development Process and Urban Development in Chinese Cities. *International Journal of Urban and Regional Research*, v. 20, n. 2, p. 330-353, 1996.

ZHANG, X.; SONG, S. Rural-Urban Migration and Urbanization in China: Evidence from Time-Series and Cross-Section Analyses. *China Economic Review*, v. 14, p. 386-400, 2003.

LEFEBVRE, Henri. *Lógica formal, lógica dialética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

GAO, Y., TAN, G., ZHU, J. *et al.* Spatial distribution and determinants of “Terceira Frente” built heritage: insights from West Hubei Province, China. *npj Herit. Sci.* **13**, 304 2025.

TAN, G., GAO, Y., XUE, C. Q. L., & XU, L. ‘Third Front’ construction in China: planning the industrial towns during the Cold War (1964–1980). *Planning Perspectives*, 36(6), 1149–1171. 2021.

FANG C, MA H, WANG J. A Regional Categorization for “New-Type Urbanization” in China. *PLoS ONE* 10(8), 2015.

CHEN, Mingxing; GONG, Yinghua; LU, Dadao; YE, Chao. Build a people-oriented urbanization: China’s new-type urbanization dream and Anhui model. *Land Use Policy*, Volume 80, Pages 1-9, 2019.

MURTON, G. Roads to China and infrastructural relations in Nepal. *Environment and Planning C: Politics and Space*, 38(5), 840-847, 2020.

WANG, Heng. China’s Approach to the Belt and Road Initiative: Scope, Character and Sustainability, *Journal of International Economic Law*, Volume 22, Issue 1, Pages 29–55, 2019.

SERÁFICO, José; SERÁFICO, Marcelo. A Zona Franca de Manaus e o capitalismo no Brasil. *Dossiê Amazônia Brasileira II. Estud. av.* 19 (54), 2005.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

ARANTES, Pedro; RIBEIRO, Cláudio. Western fantasy and tropical nightmare: Spectacular architecture and urban warfare in Rio. Routledge, 2023.

WEBER, Isabella M. Como a China escapou da terapia de choque: o debate da reforma de mercado. São Paulo: Boitempo, 2023.

NOVACK, George. Introdução à lógica marxista. Editora José Luiz e Rosa Sundermann, (1969) 2005.

